

## **OS CURSOS DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA TÊM FUTURO?<sup>1</sup>** *Madalena de Oliveira Molochenco<sup>2</sup>*

É uma alegria muito grande poder participar da discussão deste tão importante tema mas ao mesmo tempo de difícil resposta. Durante esta fala vamos tentar explicar porque consideramos difícil.

Estamos percebendo um fenômeno em nossas Instituições: a perda de alunos não só nos cursos de Educação mas também nos cursos de Música Sacra e Teologia de uma maneira geral.

Podemos dizer também que esta fala, infelizmente, se baseia em nossa experiência em uma das instituições batistas. Infelizmente, porque não temos dados de pesquisa que nos ajudem a compreender tal fenômeno, porque nos faltam pesquisas de campo, que nos dêem embasamento na busca de explicações, na busca de razões ou simplesmente de percepções sobre o fenômeno da baixa procura por nossos cursos.

Neste sentido somos culpados por alguns resultados, nós não temos sido bons exploradores, quem sabe podemos até afirmar, bons cientistas.

Sendo assim, é por isso, e quem sabe por mais uma outra quantidade de coisas, que afirmamos que é difícil abordar o tema: **Os cursos de educação têm futuro?** De que forma podemos afirmar ou negar esta pergunta? Mas, se estamos nos perguntando se tais cursos têm futuro é porque já constatamos e não podemos negar, que tal fenômeno está acontecendo.

Bem, se não temos pesquisas nas quais podemos nos embasar, nos é permitido inferir, dar alguns palpites, sugerir causas, por quês, em alguns itens que consideramos, dentro de nossa percepção, explicações para tal problemática.

Esta é a razão por termos afirmado que falar sobre este assunto é difícil.

Gostaríamos então de sugerir alguns palpites em relação a este assunto:

### **1. Falta de incentivo em Educação Religiosa**

A falta de incentivo em nosso país na área de educação não é uma novidade nos dias de hoje, está presente na História da educação há muito tempo. É alvo de discursos políticos. O problema dos políticos é que, uma vez no poder, a execução de planos educacionais proferidos em seus discursos nunca é do tamanho da realização dos mesmos. Apesar de alguma melhoria constatada nos últimos anos, vivemos num país

---

<sup>1</sup> Palestra proferida na XVI Conferência da ABIBET em 13 de outubro de 2004, na cidade de Aracruz, ES.

<sup>2</sup> A autora é Bacharel em Educação Religiosa; Bacharel em Pedagogia; Pós-Graduação em Magistério do Ensino Superior; Lato Sensu em Psicopedagogia; Mestra em Distúrbios do Desenvolvimento. É Coordenadora Acadêmica da Faculdade Teológica Batista de São Paulo

reconhecidamente fraco na área educacional, como nos dizem pesquisas publicadas recentemente na mídia. Se nosso país se apresenta fraco na educação como um todo, seria diferente na Educação teológica ou na Educação religiosa?

Como mudar a imagem educacional de uma igreja e sua importância no inconsciente dos membros e dos pastores? Afinal, eles foram formados na visão educacional do país e na fraca figura que uma escola e um professor representam. Recentemente conhecemos, meu marido e eu, uma igreja numa cidade próxima a São Paulo, que construiu sua nova sede em 3 andares: uma garagem, um salão de festas e um salão de cultos. Onde está o espaço educacional desta igreja? Não foi sequer mencionado nos planos de construção. Há anos atrás num ministério no qual meu marido estava engajado, os planos de construção se limitavam aos alunos da atual EBD, não havia preocupação em se criar novos espaços para expansão.

Assim, as dificuldades no desenvolvimento dos processos educacionais brasileiros afetam a educação como um todo, e isso inclui a Educação Religiosa e conseqüentemente os formadores de educadores para a Educação religiosa, chamados por nós de Educadores Cristãos, que por sua vez estão engajados na Educação teológica. A Educação teológica e a Educação Religiosa sofrem como sofre todo o processo educacional neste país, pela falta de visão e pela falta de incentivo. A denominação cobra mas não investe em Educação teológica, e a Educação religiosa conseqüentemente sofre também. Como fazer para que pastores compreendam a necessidade de se desenvolver a educação? Muitas vezes nos cursos de teologia as disciplinas da área de educação constantes nos currículos, quando constam dos currículos, não são valorizadas pelos alunos de teologia. Estas questões provenientes de uma visão de pouco estímulo e apoio à Educação religiosa no nosso entender podem vir a constituir uma das razões da falta de alunos nos cursos.

## **2. Novas exigências na formação do educador no Brasil – a Nova LDB.**

Estamos considerando a mudança da Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional outra de nossas percepções sobre a perda de alunos e que tem a ver com um problema nosso, da educação religiosa. Trata-se da baixa procura por educadores que sejam remunerados.

Dentro de nosso quadro de crises, nos defrontamos com mais este: boa parte das pessoas que se envolvem com a responsabilidade da Educação religiosa nas igrejas não consegue uma remuneração e se conseguem, é parcial, como uma ajuda de custo. Este fato as leva então a procurar novas fontes de renda.

Aqui está a minha conexão com a LDB que diz no **art. 62** que

*a formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e na quatro primeiras séries do ensino fundamental, oferecida em nível médio, na modalidade normal*. (LDB 9394/96)

Desde então, no estado de São Paulo, foi estipulado um prazo para que as professoras em vigor pudessem buscar esta formação superior para que não perdessem suas turmas. Muitas Instituições de ensino superior, as IES, criaram cursos de Pedagogia e de Normal Superior, para suprir esta nova demanda.

Bem, agora vamos à Educação religiosa. Se as igrejas não oferecem condições de sustentar seus educadores inferimos que eles têm de procurar outras fontes de renda, sendo assim, boa parte busca trabalho, e conseqüentemente sustento, nas escolas de educação básica em período parcial ou total. Vamos pensar agora na moça (pena ter de dizer isso ... mas é a realidade ...) que tem um chamado, uma vocação, mas tem de pesar todas as circunstâncias na busca de formação em Educação religiosa, nos dias de hoje, se depara com mais de uma escolha. Se ela terá obrigatoriamente de buscar formação em Institutos de educação superior oferecidas nas redes públicas e particulares, para conseguir engajar-se como professora na rede particular ou pública para obter seu sustento, penso que deixará para segundo plano a formação em Educação religiosa.

A nova LDB, na nossa percepção, nos traz esta mudança.

Em relação à busca de novas formações universitárias, hoje, as agências missionárias têm falado do envio de profissionais para os campos no exterior o que constitui em nossa percepção mais uma razão porque jovens buscam outros cursos tais como: Psicologia, Enfermagem, Fisioterapia, Educação física e outros. Esta poderá ser mais uma razão para que o curso de Educação religiosa fique para segundo plano.

### **3. A mudança da igreja: a nova igreja**

Ultimamente temos sido bombardeados com novos modelos de igreja. São as igrejas contemporâneas que chegam com propostas diferenciadas das chamadas igrejas tradicionais: Igreja com propósitos, Igreja Total e outras. O sistema de Rede ministerial, uma modalidade que mexeu com conceitos de mobilização e despertamento de voluntários e líderes, apesar de não se apresentar como modelo de igreja, mas sim como uma ferramenta a ser utilizada, traz sem dúvida o modelo de seu divulgador.

Estas novas propostas, apesar de insistirem que não se trata de copiar, mas sim de adequar cada realidade com o modelo de igreja apresentado ou simplesmente usar novas ferramentas para o despertamento do serviço e do voluntariado, balançaram as

estruturas das igrejas em geral. Sabemos que sim. Se os pastores a princípio e alguns em princípio as rejeitaram, ao menos chegaram a questionar: por que está dando certo com fulano?

Bem, se os novos modelos balançaram as estruturas organizacionais e conceituais nas igrejas, balançaram também a área educacional.

Este novo momento vivido por nós atualmente, nos faz lembrar do nosso antigo modelo e sobre o qual gostaríamos de traçar alguns comentários. Como todos sabemos a formação de educadores se dá no segmento da Educação Teológica e que tem como base a Educação religiosa desenvolvida dentro e fora do âmbito da igreja local, ou seja, formamos educadores para as Instituições no desenvolvimento do trabalho social, dos campos missionários e muitos outros ministérios. Então, se mexemos com a estrutura funcional e conceitual da igreja, não parece natural que haja uma mudança também nas bases da Educação teológica no que diz respeito à formação de educadores para a Educação religiosa?

Não estou aqui defendendo nenhuma destas novas linhas, modelos ou ferramentas, mas sim querendo entender melhor o que estou chamando de novo fenômeno que atinge a área educacional da igreja e conseqüentemente a área de formação de educadores que é a Educação religiosa inserida na Educação teológica. Sabemos que estes modelos ou ferramentas são importados de igrejas da outra América e que têm sido usados por algumas igrejas aqui no Brasil e que, sem sombra de dúvida, tem atingido e trazido crescimento e benção de Deus sobre os que ali congregam. Quanto à atuação do Espírito de Deus e a conscientização de Reino de Deus, o processo de salvação desenvolvido por cada salvo diante deste ou daquele método, não podemos argumentar. A atuação do Espírito Santo não compete a nós julgar. Mas estas questões todas, sem dúvida, deveriam ser melhor estudadas por nós.

Quero com isso levantar outra questão: vêm à mente agora as muitas críticas verbalizadas por nossa geração nos anos 70 e 80, quando estudávamos um novo modelo educacional. Esses estudos foram dirigido naquela época, pela então JUERP em Congressos educacionais em algumas das nossas capitais. Naquele tempo muitas críticas foram feitas ao nosso sistema: **Escola Bíblica Dominical, Escola de Treinamento e Escola de Missões**. Nossas críticas giravam em torno do sistema americano herdado pelos nossos queridos missionários: criticamos os horários de EBD; os horários e as formas de conduzir as chamadas “União de treinamento”; na educação infantil criticávamos os Centros de interesse, os desenhos e ilustrações das revistas periódicas; criticamos também a sobrecarga do domingo para cumprir um vasto

programa, a evangelização, os grupos desenvolvidos na escola de missões (Sociedade de moças, o Gam, Embaixadores e Mensageiras do rei), somado a isto o ensaio do coro às 16h30. Enfim, para tudo tínhamos um questionamento e uma melhor sugestão.

A partir desta época, muito mudou. Algumas coisas só trocaram de nome, outras passaram por boas revisões e cito como exemplo, os periódicos infantis.

Modelo por modelo importado ... ficamos com o que já temos? Ou passamos a usar outro modelo importado?

Esta pergunta nos leva a formular o próximo ponto.

Temos condições de criar Projetos próprios em Educação religiosa?

#### **4. Um novo paradigma educacional – Novas formas de entender a Educação religiosa**

Maria Cândida Moraes em seu livro: *O paradigma educacional emergente* (1997), nos faz refletir algumas questões ligadas aos nossos paradigmas.

A maneira como temos desenvolvido a educação cristã até hoje, apresenta uma teoria de aprendizagem implícita. Lamento que ela não nos tenha sido apresentada como uma teoria, mas sim como um modo de fazer. Como educadores sempre executamos e ensinamos outros a executarem. Estou chamando de educadores, nós, os representantes das Instituições, os professores. Lemos diversas vezes os manuais, bons manuais, com informações preciosas. Mas não nos foi ensinado em que bases ou quem escreveu ou de onde procediam tais práticas. Fomos ensinados no FAZER.

Agora, as igrejas se deparam com um novo FAZER. Os educadores se perderam e os modelos tradicionais foram criticados mais uma vez. Pasmem senhores educadores, porque nestes novos modelos também não ha teoria, não é ensinado como o conhecimento se dá ou por que está sendo apresentado tal modo de ensinar. Entretanto, são apresentadas muitas apostilas, muitas lições, todas muito bem enumeradas .... Não criticamos os amigos da outra América, eles estão certos pois criaram tais práticas para suas igrejas. Nossa crítica é para nós mesmos que aceitamos um monte de coisas sem uma avaliação criteriosa. Há muito material que podemos traduzir e usar, mas quando somos, entupidos, quase que atropelados por um monte de informações e porque não dizer, invadidos por um grande “merchandising” em nome do evangelho, em nome do crescimento da igreja, começamos a vomitar porque não conseguimos digerir. E, vômito não é bom.

Moraes (1997, p.18) nos leva a pensar em um modelo educacional que possa ser “capaz de gerar novos ambientes de aprendizagem”, que deixe “de ver o conhecimento

de uma forma fragmentada, estática” e o reconheça “como um processo em construção a ser desenvolvido num contexto dinâmico do vir-a-ser”

A autora propõe um paradigma educacional **Construtivista, Interacionista, Sócio-cultural e Transcendente**.

Por **Construtivista** ela nos propõe que o homem está em constante processo de transformação diante de sua ação no mundo, na sua relação constante com o objeto. Fala-se em aprender a aprender, em construção do conhecimento, de inteligências múltiplas. Para a autora, pensar é o resultado de uma construção, da ação do indivíduo sobre o objeto, da transformação do objeto e que tem o educando como centro gerador em processo constante de construção. Como mobilizar novos saberes em Educação religiosa? Como mobilizar novos saberes em Educação teológica? São alguns de nossos próximos desafios.

Usa a expressão **Interacionista** por reconhecer que o sujeito e o objeto estão em constante movimento de interação com o meio ambiente e *“um modifica o outro e modificam-se entre si”* (1997, p.25). Esse modelo não aceita a repetição sem a compreensão, pois entende que a ação sujeito/objeto não pode ser estática mas que deve envolver movimento, participação para a construção. Propõe o trabalho em grupo para o compartilhamento de idéias, informações, desenvolvimento da responsabilidade e do espírito de cooperação. Se pudéssemos ser assim talvez vivêssemos num mundo menos individualista.

Por **Socio-cultural** a autora entende o homem como um ser de relações, interagindo constantemente através do diálogo com seus pares e com o mundo físico. Enfoca o diálogo mencionando Paulo Freire como a forma deste homem expressar-se diante da realidade, saindo de seu mundo interior e expressando-se em ações para a transformação.

Por **Transcendência** ela compreende a tentativa do homem de *“ir além, ultrapassar-se, superar-se, entrar em contato com a totalidade indivisível, compreender-se como parte integrante do universo, onde todas as coisas se tocam entre si como seres interdependentes e separáveis de um Todo Cósmico”*

Comênio dizia que o ser humano é privilegiado pois entre os seres é o que pode manter contato, relacionamento com o criador. Estava certo este grande educador. O ser humano é aquele que pode desenvolver sua capacidade de autocompreensão, autoconstrução, autocoscência numa busca constante de metacognição.

Nosso modelo tradicional contempla de certa forma, estas dimensões apresentadas por esta autora, mas deixa muito a desejar no que diz respeito ao entender o por quê de

nossas práticas em Educação religiosa. Nos faltam bases teóricas que norteiem nossa ação. Chega meus irmãos de copiar, chega de nos deixarmos levar pelo “merchandising” evangélico sem crítica, sem reflexão.

### **Considerações finais**

Não creio a questão foi respondida.

Entretanto, nos negamos a ventilar a possibilidade de não existirem mais os cursos de Educação Religiosa. Mas não há como negar que temos diante de nós um grande problema.

A educação é para o futuro. Por volta do ano de 1630 Comênio já falava de uma formação integral do ser humano e afirmava que o desenvolvimento do homem deveria visar a **Razão ou Conhecimento**, a **Virtude ou as Atitudes** e a **Piedade ou o encontro do homem com seu criador**. Colocou sobre a sociedade eclesial e sobre o estado a responsabilidade de educar, aliás sobre todas as pessoas, pois dizia que todos são educadores. Como viver sem educação? Como educar sem educadores? Como não ter escolas de formação de educadores?

Mas agora a pergunta que nos inquieta: Qual escola? Qual formação? Qual educador? Para qual realidade? Para qual igreja? Como falar de um novo modelo de educação de um novo paradigma educacional se o que abriga boa parte do trabalho de Educação religiosa, a igreja passa pela crise de identidade? Como estabelecer modelos se vivemos num país de tanta diversidade cultural?

Nosso desafio como Instituições formadoras deveria ser o de buscar algumas respostas, sermos “Centros de pesquisas em Educação Religiosa”, estudando os fenômenos que aí estão presentes na busca quem sabe de uma *Teoria em Educação Religiosa*. Deveríamos deixar de lado nossa tradição reprodutivista e buscar algo que atendesse a demanda das igrejas e da Educação religiosa brasileira. Por isso disse que era difícil responder a questão proposta.

Muito obrigada pela oportunidade de poder expressar aqui nosso desejo de ver a Educação religiosa transcendendo, indo além, buscando novos caminhos.

### **Bibliografia (um ponto de partida)**

MORAES, Maria Cândida. *O paradigma educacional emergente*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1997.

BORGES, Inez Augusto. *Educação e personalidade: A dimensão sócio-histórica da educação cristã*. São Paulo: Mackenzie, 2002.

Fonte: [www.teologica.br](http://www.teologica.br)